

Hotel e cidade sem nome

O dia da minha adolescência em que tive que planejar uma fuga em uma cidade pequena do México

Era dezembro de 2016. Eu tinha 17 aos e estava passando as férias no México com a minha amiga Fer e a família dela, todos nascidos lá. A família tinha um casamento para ir em uma cidade pequena e eu fui convidada para ir junto. Passamos o dia conhecendo Oaxaca, uma cidade tradicional próxima à localidade de onde seria o evento. Estávamos em quatro: eu, Fer, Maricela e Alfon (mãe e primo da minha amiga).

Depois de aproveitar o dia lá, decidimos pegar um ônibus para chegar à cidade onde ocorreria o casamento no dia seguinte. Compramos a passagem em torno das 18 ou 19 horas, mas teríamos de esperar a chegada do ônibus até as 21h. Quando ele chegou, vimos que não era bem um ônibus, mas uma van. Entramos e nos acomodamos no último banco de trás. O veículo deu partida e entrou em uma estrada completamente escura, na qual não era possível ver nada além de uma pequena faixa de rua iluminada pelos faróis do automóvel.

Após mais ou menos 40 minutos de viagem, a van parou no meio da estrada escura e ficou ali por um bom tempo. Eu não conseguia ver nada para além da janelinha. Devem ter passado mais ou menos uns 30 minutos em que ficamos hesitantes, observando em silêncio o breu lá fora, até que entraram algumas pessoas no veículo e retomamos a viagem. Quando chegamos na cidadezinha do casamento (da qual não me recordo o nome) já era 1h da manhã. Ficamos na estação de ônibus e chamamos um táxi. Veio nos buscar um carro simples e muito velho, de cor escura. Alfon sentou no banco da frente, enquanto Maricela, Fer e eu nos acomodamos nos bancos de trás.

Era madrugada, a cidade parecia ser no meio do nada e estávamos em um carro que poderia ser de qualquer estranho. Éramos levados por uma estrada de chão quando passamos por uma placa que apontava para o nome do hotel em que iríamos nos hospedar. O motorista virou para a direção contrária. Maricela falou algo em espanhol e o motorista respondeu, sem mudar o percurso. Eu não compreendo o diálogo. O carro fica em silêncio hesitante de novo.

Alguns minutos depois, o motorista desvia da estrada e começa a entrar em um bosque completamente escuro. Entramos por meio das árvores no meio da madrugada. Ninguém diz nada. O motorista faz outro comentário que eu não compreendo. Silêncio de novo. No escuro, não parece ter um caminho a ser seguido, apenas árvores. Algo parece estar muito errado. “Se ele parar o carro no meio da floresta, eu pulo e saio correndo”, penso comigo mesma. Seguro a mão da Fer, decidindo que vou leva-la comigo na hora da fuga. Olho pela janela e observo algumas luzes acesas, distantes. Penso que posso correr em direção a elas. Depois vejo buracos no chão e me pergunto se eu poderia me esconder neles caso alguém tentasse nos atacar.

Sigo observando os arredores e planejando a minha fuga, em silêncio assim como os outros. De repente, nos aproximamos de uma iluminação maior, que logo se revela como a entrada do nosso hotel, que parece ter se materializado ali no meio do nada. Maricela paga o motorista e nós entramos para fazer o check-in.

Enquanto esperamos, conto a eles sobre a minha preocupação durante a viagem. Descubro que eles também estranharam a situação, com exceção da Fer, que não percebeu nada e viajou tranquila. Conto a minha amiga o meu plano de pular do carro com ela e ela se diverte com a minha intenção de tentar protege-la. Maricela também tinha um plano: estando sentada atrás do motorista, caso o homem tentasse nos machucar, ela usaria uma correntinha que tinha em suas mãos para tentar enforca-lo por detrás do banco. Já

Alfon, apesar de também ter sentido o perigo da situação, não tinha plano: “Já tinha aceitado o meu destino”, entendi ele dizer em espanhol.